



UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

ESCOLA DE BELAS ARTES

COMUNICAÇÃO VISUAL DESIGN

ALÉXIA COSTA LEITE MASSENA

“Meus pensamentos são todos sensações”:
a experiência poética do mundo.

RIO DE JANEIRO, RJ

2020.2

ALÉXIA COSTA LEITE MASSENA

“Meus pensamentos são todos sensações”:
a experiência poética do mundo.

Trabalho de conclusão de curso de
Bacharelado em Comunicação Visual
Design realizado sob orientação da
professora Elizabeth Jacob.

RIO DE JANEIRO, RJ
2020.2

Resumo

Face mais orgânica de Fernando Pessoa, Alberto Caeiro é o poeta das sensações, a favor da libertação das reações naturais à nossa relação com o mundo. A partir desse modo de pensar, originou o movimento denominado Sensacionismo, defendendo que por meio das sensações podemos honestamente conhecer o mundo. Os princípios do Sensacionismo vão de encontro ao conceito da imagem poética de Bachelard (1957), porém em outro contexto. Ambos falam sobre a naturalidade e a imprevisibilidade no momento instantâneo entre ver e conhecer algo. Esse momento pode ser parte de um sistema de comunicação, mas sem necessidade do uso da linguagem. Há uma ação (ver) e uma reação instintiva em nossos corpos, física ou conscientemente: as sensações (por Caeiro) como fruto do corpo e a imagem poética (por Bachelard) como fruto da alma. Este projeto apresenta um livro-objeto, que convida o leitor a presenciar o inevitável momento da imagem dinâmica a partir de poemas de heterônimos de Fernando Pessoa. O livro apresenta o resultado dessa imagem poética através de experiências físicas, pelas possíveis interações do leitor. Com essa experiência vemos que, com naturalidade, podemos chegar a um método de comunicação eficaz, pela percepção da realidade das coisas como sua própria existência, valorizando a espontaneidade dos nossos sentidos e da nossa consciência em um momento imprevisível, impulsivo e natural. A explosão desse momento pode ser primordial a uma melhor interpretação da mensagem.

Palavras-chave: experiência; sensações; comunicação; livro-objeto; poesia; natureza.

Dedico este projeto, primeiramente, ao meu pai, de quem herdei todo amor pela arte em suas diversas formas, pois sempre me incentivou a buscar sobre o assunto, principalmente sobre a música. Graças à criação dele, hoje tenho a sensibilidade e a admiração às formas de expressão artísticas, além da capacidade de perceber a profundidade das coisas e os sentimentos. Por ele, hoje sou quem sou. Tão frágil e tão forte.

Dedico à minha mãe e irmã, por serem exemplos presentes em minha vida e por todo o suporte diário. Pela compreensão das minhas ausências em dias de filme e também pelas ideias na confecção deste projeto.

Dedico à Clarice Rosadas, amiga que me presenteou com o livro de Álvaro de Campos, que me permitiu conhecer a obra de Fernando Pessoa e todo o sentimento que ele compartilha.

Dedico às minhas amigas e parceiras de curso, Christie Eller e Nicolle Motta, pela importância que deram à nossa amizade e pela parceria durante toda a graduação. À Christie, por ser sempre tão pacífica nos momentos de surto, que, com delicadeza, resolvia qualquer problema. Pela vez que se prontificou a ir me buscar em casa e ir comigo até a faculdade, quando isso era uma dificuldade para mim. Por estar comigo presente, de corpo e alma, sendo amiga desde o primeiro dia de trote. À Nicolle, pelo jeito engraçado que animava as aulas, por ser tão madura e decidida e por compartilhar comigo bons conselhos de vida, como uma verdadeira amiga. Vocês fizeram minha trajetória mais leve e edificante. Aprendi muito e fui muito feliz compartilhando as salas de aula com vocês.

Dedico às minhas amigas Rafaela Pires e Bruna Barcellos, pelo apoio constante, por, em todo momento, se preocuparem em saber como estava indo meu processo, pelo interesse com o tema e por colaborarem com ideias e palavras de força. Por se fazerem presentes, principalmente, neste momento, mas também em todos os demais. O apoio de vocês foi e é fundamental.

Dedico aos meus chefes (e amigos) Felipe e Guilherme Aboudib, por todo apoio e compreensão, aliviando meu horário de trabalho e permitindo que eu tivesse o tempo necessário para concluir essa etapa. Pelo incentivo maior neste momento e por todo o conhecimento profissional que compartilharam nesses 3 anos de agência.

Por me acolherem quando era “crua” e fazerem de mim a designer que sou hoje. Sempre digo, com toda a certeza, que tenho muita sorte por trabalhar com vocês em um ambiente leve e onde me sinto valorizada.

Dedico ao Matias Bidart, por ter sido meu ponto de paz nos dias finais deste projeto (os mais difíceis) e por não medir esforços para me deixar tranquila, mesmo quando tudo parecia dar errado. Dedico, especialmente, por ter tido a mesma sensibilidade que tenho ao ler os poemas de Alberto Caeiro, por compreender e compartilhar a admiração a esta obra aqui citada, pela natureza e pelo modo simples e puro de ver a vida. Por compreender minhas necessidades, meus surtos, por constantemente me trazer palavras de ânimo, por ajudar em todas (todas) as coisas que precisei para finalizar esse ciclo e por estar ao meu lado agora, quando tudo muda.

Aproveito para mencionar também a cidade que foi meu lar durante parte da confecção deste projeto. Estar em Búzios foi uma experiência que, com toda certeza, sustentou meu equilíbrio emocional em meio à pandemia que vivemos em 2021. Poder viver em meio à natureza todos os dias, no contexto do meu tema de monografia, foi o que fez isso não perder seu valor. Em meio ao caos, fui privilegiada por ter momentos de paz e conexão natural.

Dedico também à professora Beth, por acreditar neste projeto e na importância que ele tem para mim. Pela paciência e delicadeza quando duvidei de minhas escolhas e por me colocar com os pés no chão quando eu fugia da realidade. Graças a você, consegui fazer algo com amor e do qual me orgulho.

E, logicamente, à UFRJ, à Escola de Belas Artes e a todos os professores e trabalhadores da minha faculdade dos sonhos. Todos os dias, ao subir as escadas da Reitoria, eu olhava em volta e não podia acreditar que realmente estava ali. É um orgulho que terei para o resto da vida. A cada professor, que, pacientemente, compartilhou seu conhecimento e ofereceu mais do que uma aula básica, mas sim um ambiente onde pessoas conscientes, críticas, respeitadas e de luta foram moldadas. Meu “muito obrigada”, pela coragem e perseverança em dar aula em uma universidade pública, mesmo com todas as dificuldades. O valor de vocês é inestimável.

Lista de Figuras

Fotografia 1 - Cul de Lampe	34
Fotografia 2 - Cul de Lampe	34
Fotografia 3 - Cul de Lampe	34
Fotografia 4 - Cul de Lampe	34
Fotografia 5 - Dizes-me	36
Fotografia 6 - Dizes-me	36
Fotografia 7 - Poema em Linha Recta	37
Fotografia 8 - Poema em Linha Recta	37
Fotografia 9 - Lisbon Revisited	38
Fotografia 10 - Lisbon Revisited	38
Fotografia 11 - Acendo o cigarro	39
Fotografia 12 - Acendo o cigarro	39
Fotografia 13 - Passagem das Horas	40
Fotografia 14 - Passagem das Horas	40
Fotografia 15 - O Pastor Amoroso	42
Fotografia 16 - O Pastor Amoroso	42
Fotografia 17 - Ode Marítima	43
Fotografia 18 - Ode Marítima	43

Sumário

Lista de Figuras	6
Sumário	7
1 Introdução	8
2 Aprendizado a ver: o Sensacionismo de Alberto Caeiro	10
2.1 Heteronímia e (breve) biografia	10
2.2 O dia triunfal	12
2.3 Mestre Ingênuo	14
2.4 Poeta das Sensações	17
3 Do modo físico ao da consciência: a imagem poética	21
4 A comunicação espontânea sujeito-mundo	24
5 O projeto do livro-objeto	27
5.1 Detalhes técnicos	29
5.2 O conteúdo	31
5.3 Os poemas	32
5.3.1. Trecho de “Cul de Lampe” de Álvaro de Campos	32
5.3.2. Trecho em “Poemas Inconjuntos” de Alberto Caeiro	35
5.3.3. Trecho de “Poema em Linha Recta” de Álvaro de Campos	36
5.3.4. Trecho de “Lisbon Revisited” de Álvaro de Campos	37
5.3.5. Trecho de poema de Álvaro de Campos	38
5.3.6. Trecho de “Passagem das Horas” de Álvaro de Campos	40
5.3.7. Trecho em “O Pastor Amoroso”, de Alberto Caeiro	41
5.3.7. Trecho de “Ode Marítima”, de Álvaro de Campos.	42
6 Conclusão	44
7 Bibliografia	44

1 Introdução

Acredito que a sensibilidade à poesia não seja algo comum entre as pessoas. Em 25 anos de vida encontrei pouquíssimas pessoas que compartilham dessa mesma admiração e conexão que reconheço que tenho com essa forma de arte. Quando criança, gostava de escrever poesias sobre as pessoas, sobre a natureza, sobre a vida através dos olhos inocentes que a vivia. Inclusive, uma curiosidade sobre mim: uma de minhas poesias, que falava sobre o cuidado com o meio-ambiente, foi publicada no *Jornal Globinho* (anexo do jornal O Globo voltado para o público infantil) em uma sessão reservada para textos e desenhos dos pequenos leitores. Nessa época, eu gostava de usar as palavras de forma harmônica, criando ritmo e rimas, utilizando do meu pequeno vocabulário para criar algo meu. Lembro desse sentimento.

Com o passar dos anos, tive uma época afastada da leitura, até que me encontrei novamente com a literatura. Por influência de um seriado, onde o protagonista aparecia constantemente lendo obras clássicas e sua narração no início dos episódios costumava citar trechos de contos ou poesias, acabei lembrando o efeito que a leitura e a escrita tinha sobre mim. Lembrei que isso era algo que me fazia bem e tanto ler quanto escrever eram coisas que tocavam minha alma e me instigavam a sentir coisas diferentes, a entender determinadas emoções, e a externalizar coisas que eu tinha em mim. Depois desse reencontro, voltei a seguir uma vida como admiradora da arte literária, da expressão através de palavras.

O marco que guiou essa minha paixão, e que originou esse projeto hoje, foi em um dia de meu aniversário, em 2016, quando fui presenteada por uma grande amiga com um livro de poemas de Álvaro de Campos - Fernando Pessoa. Acredito que as amizades boas são aquelas que nos acrescentam algo, não materialmente, mas como pessoa. Foi somente um livro, mas até hoje é o meu preferido e minha leitura de segurança (aquela que sei que não tem erro), que levo para todos os cantos, que é todo marcado e rabiscado com anotações, que já contém tantas marcas de vida quanto as dele em mim. Esse livro reacendeu minha paixão especificamente pela poesia e minha sensibilidade às coisas do mundo. Por anos eu leio e releio, e não me canso dos sentimentos que absorvo e exalo. Existe algo ali, no personagem Álvaro de Campos, no escritor Fernando Pessoa, com o que me identifiquei

bastante. A partir deste livro, obviamente busquei saber mais sobre sua biografia e por conhecer seus outros heterônimos. Descobri que foi um autor singular, com a meta pessoal de ser grande e de sair do padrão que existia. Tanto que foi um marco na história da literatura, como precursor de um movimento (que será visto aqui neste projeto) e referência à heteronímia. E como uma boa fã, arrumava uma forma de usar sua obra em meus trabalhos da faculdade sempre que possível, inclusive no mais importante de todos, de onde falo agora.

Nesta faculdade de Design, dentro da Escola de Belas Artes, tive o privilégio de estudar e praticar desde o lado mais conceitual e livre da arte como forma de expressão, até o lado técnico do Design, aprendendo a melhor forma de unir os dois. Toda a base histórica e conceitual que a faculdade oferece nos forma não só como designers, mas também como artistas, como seres humanos sensíveis, e assim podemos e temos referência suficiente para criar soluções criativas para onde for necessário. Aqui aprendi que sim, o design e a arte podem salvar o mundo. E podem salvar a nós mesmos.

Este projeto final é uma união do que há de mais verdadeiro em mim. É resultado de toda a minha trajetória por três incríveis e ricas faculdades de Design, mas principalmente da experiência que é a UFRJ. Aqui eu quis unir meus princípios de vida, minha forma de ver o mundo, minha maneira de fazer design, minhas referências e meu contexto. Falo sobre o (meu) amor pela natureza através da poética de Alberto Caeiro, onde também encontramos a característica espontaneidade e pureza, a inocência ao reconhecer as coisas belas do mundo. Falo sobre a forma de ler e absorver a poesia, através do texto de Gaston Bachelard, permitindo a liberdade da nossa consciência. E o principal, consegui ver nesses dois pontos uma forma de agregar à teoria do Design como forma de comunicação visual. O que me encantou e ainda me encanta nessa área profissional escolhida por mim é a amplitude de suas vertentes e todo o conteúdo transdisciplinar, fazendo com que seja algo tão básico e tão importante em nossas vidas. Uma pergunta que os professores costumam fazer aos calouros e que perdi as contas de quantas vezes tive que responder, é: “O que é Design?”. Hoje, no final dessa graduação, posso responder que o Design facilita, ensina, comunica, cria, resolve. Estudar design é estudar infinitas possibilidades. É abrir a mente para as

oportunidades, mas também para limitações que não conhecíamos, e que agora podemos resolver. É aprender a usar nosso tão importante repertório, conectando ideias até uma solução criativa e inteligente. O Design está em todo lugar. É essencial para o mundo. Foi essencial para mim.

2 Aprendizado a ver: o Sensacionismo de Alberto Caeiro

2.1 Heteronímia e (breve) biografia

Fernando Pessoa é um nome conhecido. Estudamos suas obras na escola, conteúdo básico na formação em português - literatura na parte sobre Modernismo, mas do conceito “básico” ele sempre quis fugir. Impôs sobre ele mesmo o desafio de realizar uma obra superior às existentes, rompendo as barreiras da poesia sentimentalista confessional¹ e de temas comuns com escritas metafóricas. Quis buscar uma nova forma poética que fosse seu diferencial no mundo literário. Sua estratégia foi a heteronímia, e acabou tornando-se referência da despersonalização no mundo todo². No momento, será apresentada resumidamente sua vida e o contexto em que estava inserido, pois foi base de quem ele se tornou. A partir disso, veremos a parte de sua obra que guia o pensamento por trás desse trabalho.

Fernando António Nogueira Pessoa viveu não somente a sua, mas outras 136 vidas diferentes passando por sua mente e projetando-se em poemas. Tecnicamente falando, criou 136 heterônimos, alguns mais completos que outros (em razão de obras produzidas) mas todos, cada um deles, com sua própria personalidade e contexto. Para esclarecer, a diferença entre heterônimo e pseudônimo é que os heterônimos são como personagens completos, com uma história, uma ideologia, uma forma de pensar e de escrever, alguns com datas exatas e aparência definida, resumindo: mais detalhados, diferente de um pseudônimo que é quando o autor somente assina com um nome diferente do seu próprio, não devendo demais

¹ PESSOA, Fernando. **Poemas Completos de Alberto Caeiro** - Texto Integral com Comentários. 1ª Ed. rev. São Paulo: DCL, 2010. p.5.

² Idem.

explicações sobre este nome. Entendendo a complexidade, vemos que Pessoa era capaz de abstrair-se inteiro de sua mente, suas crenças, seu modo de viver. Tornava-se inteiramente outro sujeito e escrevia. Escrevia poemas dos mais diversos modos e temas, reflexos de contextos nem sempre reais, mas sempre fora de sua personalidade original. Cada uma dessas vidas possuía uma história e um contexto social e, em sua escrita, estilo literário e influência de outros campos da arte, e também seus próprios modos de ver e pensar a vida. Era a total despersonalização em um ato de escrever, e ele o fez com excelência.

Nascido em Lisboa, em 1888, Pessoa, por trás de outras pessoas, desenvolveria seu diferencial graças aos caminhos que a vida o levou. Enquanto jovem, estudando fora de sua terra natal por questões familiares, teve contato com indivíduos de outros países e de outros contextos, expondo-se a uma diversidade cultural que futuramente serviria de inspiração para sua obra. Coursou o primário em um colégio religioso irlandês e depois ingressou na *Durban High School*, na África do Sul. Aprendeu latim, estudou sobretudo a literatura grega, francesa, norte-americana e inglesa, tornou-se bilíngue (português e inglês) e iniciou sua escrita literária em ambas as línguas. Mais tarde, de volta a sua cidade natal, aos 17 anos e com toda a base educacional e social que possuía, seu horizonte se expandiu. Estar de volta a Portugal permitiu-lhe o contato com os mais diversos autores, inclusive seus próprios conterrâneos, que na África eram inacessíveis. A partir desse momento, começou a publicar seus ensaios em uma revista local chamada *A Águia*, onde conheceu outros jovens escritores. Fernando trabalhou também como tradutor, crítico literário e mais tarde, em 1915, ingressou na revista portuguesa trimestral *Orpheu* como co-criador e posteriormente liderando as publicações. Essa revista foi um importante marco na história tanto de Pessoa quanto de Portugal, e também da própria história da arte (foi durante esse trabalho na revista que ele conviveu com seu grande amigo Mário de Sá-Carneiro). O conteúdo da *Orpheu* era produto artístico de jovens desconhecidos, trazendo novidades com suas obras futuristas e um novo estilo literário, e é justamente por essas inovações trazidas a uma geração ainda “prematura de modernização”³, que a revista foi ridicularizada pela imprensa portuguesa ainda em sua primeira edição. A revista durou apenas até a segunda

³ SILVIA, Patrícia. **ORPHEU** In: Modernismo – Arquivo Virtual da Geração de Orpheu, IELT-FCSH, Universidade Nova de Lisboa, Disponível em: <https://modernismo.pt/index.php/orpheu>. Acesso em: 12 jul. 2021.

edição, por motivos financeiros principalmente, mas após passar pelo escândalo significativo, foi notada por identificar uma geração, tornando-se marco inicial do Modernismo português.

Temos assim então, em 1915, um poeta múltiplo emergindo em seu país, com toda sua bagagem da vida pessoal, levantando consigo um movimento literário que (apenas como curiosidade) mais tarde, em 1922, chegaria ao Brasil com a Semana de Arte Moderna. Justamente, o Modernismo distanciava-se do sentimentalismo, trazendo um espírito mais crítico, dinâmico, exaltando as novas tecnologias e inovações, e com um estilo de escrita mais cotidiano, sem formalidades.

2.2 O dia triunfal

Ano e meio, ou dois anos depois, lembrei-me um dia de fazer uma partida ao Sá-Carneiro — de inventar um poeta bucólico, de espécie complicada, e apresentar-lho, já me não lembro como, em qualquer espécie de realidade. Levei uns dias a elaborar o poeta mas nada consegui.⁴

Houve, entre tantos, um mestre. Um mestre em sua essência, mas de tamanha pureza em seus pensamentos. Dos 136 heterônimos criados, um, em especial, chocou seu próprio criador. Toda a genialidade em um auge de despersonalização, em um momento não planejado, gerou instantaneamente um poeta surpreendente. Poeta, este, que viria a ser chamado de mestre⁵ não só por outros heterônimos, mas reconhecidamente pelo ortônimo (o eu-próprio) Fernando Pessoa.

Num dia em que finalmente desistira — foi em 8 de Março de 1914 — acerquei-me de uma cómoda alta, e, tomando um papel, comecei a escrever, de pé, como escrevo sempre que posso. E escrevi trinta e tantos poemas a fio, numa espécie de êxtase cuja natureza não conseguirei definir. Foi o dia triunfal da minha vida, e nunca poderei ter outro assim.

Pessoa foi capaz de criar dentro de si, mas distante de sua personalidade e, ainda assim, sentir sua alma e personificá-la em magnificência. E ainda, reconhecer este

⁴ PESSOA, Fernando. **Carta de Fernando Pessoa a Adolfo Casais Monteiro** - 13 Jan. 1935. 1ª publ. inc. in *Presença*, nº 49. Coimbra: Jun. 1937. Disponível em <http://arquivopessoa.net/textos/3007>. Acesso em 12 jul. 2021.

⁵ PESSOA, Fernando. **Poemas Completos de Alberto Caeiro** - Texto Integral com Comentários. 1ª Ed. rev. São Paulo: DCL, 2010. p.57

como um momento único e triunfal em sua vida. O nascimento do heterônimo mestre soa como um surto onde nem o próprio soube dizer de onde veio, mas veio completo. Sua reação foi o que podemos considerar instintiva, onde ele apenas deixou fluir as palavras e os sentimentos que vinham por ele.

Abri com um título, *O Guardador de Rebanhos*. E o que se seguiu foi o aparecimento de alguém em mim, a quem dei desde logo o nome de Alberto Caeiro. Desculpe-me o absurdo da frase: aparecera em mim o meu mestre. Foi essa a sensação imediata que tive.

No momento da explosão de Caeiro em Fernando Pessoa, ele logo reconheceu o tamanho do que havia ali nascido. Talvez ainda não tivesse noção de sua influência futura, mas sabia de sua natural grandiosidade proveniente de um pensamento um tanto inocente quanto radical, que veremos detalhadamente mais à frente.

Para exemplificar um pouco mais o domínio de Pessoa sobre a heteronímia, ainda nesta carta acima citada, ele conta como a partir desse momento concebeu também seus outros dois mais importantes heterônimos, com suas personalidades já visualizadas e compreendidas, e como o mestre os influenciaria com seu modo de ver a vida.

Fixei aquilo tudo em moldes de realidade. Graduei as influências, conheci as amizades, ouvi, dentro de mim, as discussões e as divergências de critérios, e em tudo isto me parece que fui eu, criador de tudo, o menos que ali houve. Parece que tudo se passou independentemente de mim.

O dia triunfal de Fernando Pessoa foi não somente pela explosão de Alberto Caeiro, mas também pelos outros dois (Álvaro de Campos e Ricardo Reis) que seriam seus discípulos. Naquele momento, três almas e sentimentos diferentes existiram em um só homem. Esses três viriam a ser seus mais famosos heterônimos, cada um singular, mas interagindo entre eles. E entre toda essa existência em um só homem, ele reconhece que ele próprio foi o que menos existiu. Suas ideias, sua forma de ver o mundo, suas inclinações artísticas, foram suprimidas pela vida de seus heterônimos.

2.3 Mestre Ingênuo

Entre os três principais, Alberto Caeiro foi o mais influente. Nesta parte serão apresentados os dados que existem sobre sua vida e o que foi primordial em sua história para sua tão influente obra. O foco de estudo será o grupo composto por 49 poemas citado anteriormente, no momento da concepção do heterônimo, denominado de *O Guardador de Rebanhos* (1914), por ser a obra mais característica da personalidade e do estilo do autor. Enfatizando que todas as informações sobre o heterônimo são fictícias, definidas por Fernando Pessoa, porém cuidadosamente criadas e com uma harmonia impecável que justificam tudo o que Caeiro foi e criou.

Nascido em 16 de abril de 1889⁶, órfão, com apenas o 1º grau completo, viveu sua vida no campo, em uma quinta de Ribatejo (antiga província de Portugal). Como disseram sobre ele, “a vida de Caeiro não pode narrar-se pois que não há nela de que narrar. Seus poemas são o que houve nele de vida.”⁷. A vida simples no campo afastou Caeiro de sua cultura, de uma educação completa, da civilização e ocasionalmente de quaisquer referências a conceitos mais complexos ou a uma religião. Cercado apenas por belas paisagens, vivia uma vida que nós, habitantes da cidade, chamamos de pacata. A vida na natureza foi o tema de suas poesias, e o principal ponto que, junto à sua forma pura de ver e lidar com essa proximidade, o faria mestre entre os demais. E foi justamente essa visão simples do mundo que originou o nome de Mestre Ingênuo, como ficou conhecido. Com seus poemas, ele nos traz um aprendizado a ver, mas a ver como espectador, como um ser igual ou inferior à grandiosidade do mundo⁸.

Creio no Mundo como num malmequer,
Porque o vejo. Mas não penso nele
Porque pensar é não compreender...
O Mundo não se fez para pensarmos nele
(Pensar é estar doente dos olhos)
Mas para olharmos para ele e estarmos de acordo...

⁶ PESSOA, Fernando. **Páginas Íntimas e de Auto-interpretação**. Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Ática, 1966. p.329

⁷ Idem, p. 330. Esboço de um prefácio à publicação dos Poemas de Alberto Caeiro, que deveria ser assinado por Ricardo Reis.

⁸ SOUZA, Daniel P. **O espírito descampado e o olhar dos campos: Percepção e experiência do mundo em Alberto Caeiro**. 2008. 162 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade São Judas Tadeu. p.18.

Eu não tenho filosofia: tenho sentidos...
 Se falo na Natureza não é porque saiba o que ela é,
 Mas porque a amo, e amo-a por isso,
 Porque quem ama nunca sabe o que ama
 Nem sabe porque ama, nem o que é amar...

Amar é a eterna inocência,
 E a única inocência é não pensar...⁹

O *Guardador de Rebanhos* traz poemas escritos de forma tão simples que comprova a história de sua concepção. Foram escritos sem preocupação com formalidade ou metáforas normalmente usadas em poemas. Pode-se fantasiar que foram concebidos em um caderno de uso cotidiano, debaixo de uma árvore em uma hora calma do dia. Caeiro deixou fluir o pensamento livremente sobre as coisas que acontecem ao seu redor e sobre o que é a vida para ele. Sua escrita despreocupada, ao mesmo tempo que traz respostas, traz também questões. Ele fala sobre coisas que, de acordo com o mesmo¹⁰, não deveria se aprofundar; conceitua sentimentos que defende serem livres; define o que é indefinível. Explica diversas vezes sobre como não há explicação sobre a vida. Quem lê, entende o que está escrito, mas não é tão simples entender o que o autor quis ensinar. Apesar de ser uma obra tecnicamente fácil, ela possui um conteúdo significativamente complexo de ser absorvido e/ou colocado em prática.

Com a vida no campo, Caeiro percebeu¹¹ que a maior verdade das coisas está ali, no que elas são, e não no que pensamos sobre elas ou qualquer significação imposta por conceitos e ideias. A inocência dessa ideologia está em não se aprofundar nos possíveis significados, e sim “saber ter sempre o ‘pasma inicial’ ao tomar contato com a natureza”¹². Essa forma de ver o mundo que tanto chocou seus leitores, seria base de sua manifestação de pensamento denominada Sensacionismo, que veremos em seguida.

⁹ CAEIRO, Alberto. **O Guardador de Rebanhos**, poema II, p.24. Lisboa: Ática, 1946 (10ª ed. 1993), Disponível em <http://arquivopessoa.net/>. Consultado em 12-07-2021. Será abreviado como “GR” seguido pelo número do poema nas demais citações.

¹⁰ Idem, GR, V, p.28: “O mistério das coisas? Sei lá o que é mistério! / O único mistério é haver quem pense no mistério.”

¹¹ Ibid, GR, XXIV, p.60: “O que nós vemos das coisas são as coisas. / Porque veríamos nós uma coisa se houvesse outra?”

¹² SOUZA, Daniel P. **O espírito descampado e o olhar dos campos: Percepção e experiência do mundo em Alberto Caeiro**. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade São Judas Tadeu. 162 f. p.18. 2008.

No contexto dessa admiração pura das criações do mundo, Caeiro também nega a metafísica¹³ e a filosofia, ao dispensar qualquer pensamento das coisas. Segundo ele, “O Mundo não se fez para pensarmos nele / (Pensar é estar doente dos olhos)”¹⁴. A metafísica, como um profundo estudo sobre os princípios e causas de toda a realidade, e a filosofia, que é o estudo da existência humana por meio de análises racionais, são consideradas, por Caeiro, incorretas na busca da realidade. Vemos assim a forma de pensar de um homem que abdicou de influências culturais e intelectuais, preferindo viver na pureza, na espontaneidade e na naturalidade. Isso o faz saber mais ou saber menos sobre o mundo? É justamente sobre essa questão que ele, com simplicidade na vida e na escrita, se tornou tão admirável.

“Não é bastante não ser cego / Para ver as árvores e as flores”¹⁵. A visão é o sentido primordial para ver, mas não é tudo o que faria compreender o que as coisas são. “É preciso também não ter filosofia nenhuma”¹⁶. Suas poesias têm uma forma de nos ensinar a ver como ele via. Ele descreve o mundo sem pensar nele e mostra que realmente não há o que pensar. O que é ensinado como o único método para nos aproximar da forma mais sincera da natureza são as sensações. As sensações físicas que temos ao nos depararmos com algo. O toque das gotas de chuva na pele, o vento batendo no rosto, a brisa quente do verão. Calmo como a água, belo como as árvores, triste como o pôr do sol. O sentimento do autor é tão natural como a cor das flores, onde não há racionalização que negue. “Penso com os olhos e com os ouvidos / E com as mãos e os pés / E com o nariz e a boca”¹⁷. Esse método é o mais acessível pois não importa a cultura em que está inserido, ou o grau de intelectualidade, as sensações são algo que todos temos em comum. Talvez ao falar sobre a beleza, cairia no conceito pessoal de belo que existe em cada um, logicamente diferentes entre si. É neste momento que perde-se a verdade das coisas, quando tentamos limitá-las a um conceito, a uma descrição. A visão e as sensações não são uma linguagem cultural, e por isso são universais e isentas de múltiplos resultados e interpretações. Como ele diz, tudo na natureza é como é, de

¹³ GR, V, p.28: “Há metafísica bastante em não pensar em nada. / O que penso eu do Mundo?”

¹⁴ GR, II, p. 24.

¹⁵ CAEIRO, Alberto. **Poemas Inconjuntos**. In *Poemas de Alberto Caeiro*. (Nota explicativa e notas de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor.) p. 75. Lisboa: Ática, 1946 (10^a ed. 1993). Disponível em <http://arquivopessoa.net/textos/1122>. Consultado em 12 jul. 2021.

¹⁶ Idem.

¹⁷ GR, IX, p.39.

forma absoluta. Uma pedra é uma pedra¹⁸, os girassóis são amarelos e a brisa da noite é fria. “Sou um guardador de rebanhos. / O rebanho é os meus pensamentos / E os meus pensamentos são todos sensações”¹⁹.

2.4 Poeta das Sensações

O principal fundamento da poesia de Alberto Caeiro é que a mais sincera interpretação de algo se dá por meio das sensações que nos causam, nas palavras de SOUSA, “apenas a percepção sensorial é a fonte de informação fidedigna sobre a realidade, pelo contacto directo e imediato com a exterioridade”²⁰. Ao mostrar essa ideologia em seus poemas, a apresenta como um método de ver o mundo. Método este do qual foi precursor, denominado de Sensacionismo.

Pessoa não esclarece a origem do nome, mas o termo marca a sensação como elemento fundamental. Sensacionismo, literalmente doutrina da sensação (sensacion- + -ismo), é o hábito ou o costume de produzir sensações. A sensação é o processo no qual uma experiência provoca uma reação ou um efeito específico. A partir disso, poder-se-ia pensar a teoria criada por Fernando Pessoa como uma manifestação radical do pensamento empirista.²¹

Assim, as ideias sobre o mundo viriam pelas sensações obtidas através de experiências do corpo, pelos sentidos. Os cinco sentidos do corpo humano: tato, visão, olfato, audição e paladar. Caeiro convida a ter essa tal experiência de mundo usando todos esses sentidos, não necessariamente de forma simultânea, mas interativa e naturalmente. A interação, usando nosso corpo físico para viver o momento, e a naturalidade, pois os sentidos são comuns ao ser humano; provém da natureza do homem. Algo que todos possuem e todos sabem usar. Desta forma, o

¹⁸ GR, XXVIII, p. 53: “Graças a Deus que as pedras são só pedras, / E que os rios não são senão rios”

¹⁹ GR, IX, p.39.

²⁰ SOUSA, Ana Patrícia Silva de. “Penso em ti, murmuro o teu nome; não sou eu: sou feliz”. A study on the otherness in O Pastor Amoroso by Alberto Caeiro. Revista do Gel. São Paulo, v. 7, n. 1, p. 109-126, 2010. p.5.

²¹ Fonte: Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2002). // MATOS, Anderson Hakenhoar de. **Origem do Sensacionismo no grupo Orpheu**. Nau Literária: crítica e teoria de literaturas. Porto Alegre, Vol. 11 N. 01. 2015. // O empirismo é a teoria onde todo o conhecimento provém da experiência. Os empiristas se opunham aos racionalistas, que defendiam que o conhecimento é racional.

que se pode absorver e o que se pode interpretar não é nada além do que aquilo é, sem nenhuma complexidade, definido apenas pelas sensações ali sentidas.

O resultado da experiência levada nesse método seria impassível de erro, e essa é a intenção. É absoluto pois é o que é, e assim é aceito. O pensamento, a reflexão, a filosofia, a metafísica, e as próprias descrições de forma comparativa atrapalham o entendimento na relação do homem com a natureza e trazem conceitos que não nos dizem o que as coisas são, apenas as descreve e compara com outras coisas. A descrição de algo é sempre através dos olhos de quem vê, de suas concepções e seu ponto de vista, tanto físico quanto psíquico. A reflexão levaria o pensamento além dos fatos óbvios, e ocasionalmente traria a análise que geraria uma opinião, que seria algo contestável pois entra no âmbito cultural e de julgamento pessoal, perdendo sua universalidade, e sujeitando a análise e divergência de opiniões. Por esse motivo o autor tantas vezes desencoraja o pensamento. Quando pensamos sobre algo, deixamos de ver o que realmente está ali, que é o verdadeiro fenômeno.

Porque a luz do Sol vale mais que os pensamentos
De todos os filósofos e de todos os poetas.
A luz do Sol não sabe o que faz
E por isso não erra e é comum e boa.²²

Fora essa externalização a terceiros do que vemos, tem também a insistência do homem de buscar significados e explicações em todas as coisas. “Mas quem me mandou a mim querer perceber? / Quem me disse que havia que perceber?”²³ Esse ato de pensar demais nos afasta da verdade, pois o que pensamos de algo é também a nossa interpretação baseada em diversos fatores culturais, de vivência, de intelectualidade, de experiências, entre tantas outras que influenciam, e que logicamente são instáveis. A busca por explicações, motivos e razões faz perder a realidade das coisas e nos força a ver mais do que existe, ou buscar significados pessoais para coisas que às vezes não tem significado algum, ou que não necessariamente se encaixam na nossa reflexão baseada em uma vivência anterior. A forma que uma pessoa vê nunca seria a mesma que outra pessoa vê, e por isso o resultado não é absoluto.

²² GR, V, p.28.

²³ GR, XXII, p.48.

O mistério das coisas? Sei lá o que é mistério!
 O único mistério é haver quem pense no mistério.
 Quem está ao sol e fecha os olhos,
 Começa a não saber o que é o Sol
 E a pensar muitas coisas cheias de calor.²⁴

O que Caeiro oferece então é um aprendizado a ver de forma pura o mundo e a natureza, que é, nesse caso, o contexto de sua obra. Com olhos inocentes: simples, puros e sinceros. Com a mente liberta de conceitos. "...os objetos aparecem a nós como visibilidade antes mesmo de serem um conceito ou um nome"²⁵. Sem acrescentar qualquer tipo de interpretação pessoal, seja em pensamento, cultura ou sentimento. Ver o mundo e saber a verdade. Sentir o mundo e não pensar nele. Permitir a imprevisibilidade do momento instantâneo de contato com as formas, texturas, sabores e cheiros que a natureza oferece.

Todo esse sentimento físico imposto nas poesias de Caeiro é o que faz o Sensacionismo. É uma prática polêmica por negar a filosofia e a metafísica, pois esses estudos defendem a reflexão que, por Caeiro, é dispensável quando se trata da natureza e da vida. Outro fato importante a ser citado é que Pessoa não deu a Caeiro a exclusividade no assunto. Seus outros heterônimos e seu ortônimo (ele mesmo) também tiveram obras características do Sensacionismo, e não só pondo em prática o ensinamento do mestre, mas também analisando a forma de pensar e de viver do camponês, citando-o em suas obras, por vezes analisando sua escrita, e sua maioria em tom de admiração.

Meu mestre e meu guia!
 A quem nenhuma coisa feriu, nem doeu, nem perturbou,
 Seguro como um sol fazendo o seu dia involuntariamente,
 Natural como um dia mostrando tudo,
 Meu mestre, meu coração não aprendeu a tua serenidade.²⁶

Mas aqui, se originalidade se mostra, é uma originalidade no inferior. Onde Caeiro é deveras grande é na estrutura interna dos seus poemas, no

²⁴ GR, V, p.28.

²⁵ SOUZA, Daniel P. **O espírito descampado e o olhar dos campos: Percepção e experiência do mundo em Alberto Caeiro**. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade São Judas Tadeu. 162 f. p.18. 2008.

²⁶ CAMPOS, Álvaro de. **Poesias de Álvaro de Campos**. Fernando Pessoa. Lisboa: Ática, 1944 (imp. 1993). p.31. Disponível em <http://arquivopessoa.net/textos/4398>. Consultado em 12 jul. 2021.

conceito filosófico de todo o poeta novo, que subjaz à juvenildade que o caracteriza.

Caeiro é, em filosofia, o que ninguém foi: um objectivista absoluto.

Inventou os processos poéticos *de todos os tempos*. Reparai bem no que digo — *de todos os tempos*. Inventou os processos filosóficos da nossa época, indo além da pura ciência em objectividade. Quebrou com todos os sentimentos que têm sido posse da poesia e do pensamento humanos.

Nada o demonstra melhor que um verso que é talvez o supremo da sua obra.

«A Natureza é partes sem um todo»²⁷

Na história da arte, há outro momento em que é falado sobre essa mesma libertação das sensações. Quando Alberto Caeiro fala “E o que vejo a cada momento / É aquilo que nunca antes eu tinha visto”²⁸ podemos relacionar essa afirmação aos princípios do impressionismo, onde o artista dedicava-se a retratar o exato momento de acordo com as sensações que vinham a sua visão. “Para os impressionistas o que eles pintavam era o que exatamente estava sendo visto. Não uma pintura das ideias, dos conceitos, perspectivas e normas. Mas uma pintura das sensações.”²⁹ Como exemplo temos a série *La Cathédrale de Rouen*, 1894, de Claude Monet, que foi pintada diversas vezes em diferentes horas do dia, pois acreditava-se que somente experimentando todas as possibilidades tomaríamos conhecimento de algo³⁰. No impressionismo, como diz o próprio nome, o que importava era a impressão que o objeto de observação causava ao olhar do artista no exato momento de contato, sem a mínima preocupação de uma reprodução conceitual ou fielmente detalhada da realidade. O intuito da técnica era retratar o que era mais nítido ao olhar, como as cores e sombras. Nos poemas do *Guardador de Rebanhos*, Caeiro fala constantemente de suas percepções através da visão, assim como faz o artista impressionista.

O que nós vemos das coisas são as coisas.
Porque veríamos nós uma coisa se houvesse outra?
Porque é que ver e ouvir seria iludirmo-nos

²⁷ REIS, Ricardo. *Poemas Completos de Alberto Caeiro*. Fernando Pessoa. **Ricardo Reis sobre Alberto Caeiro**. (Recolha, transcrição e notas de Teresa Sobral Cunha.) Lisboa: Presença, 1994. Disponível em <http://arquivopessoa.net/textos/2914>. Acesso em 12 jul. 2021.

²⁸ GR, II, p.24.

²⁹ SILVA FILHO, Gilvan J. “**Eu não tenho filosofia: tenho sentidos...**”: **fenomenologia e Sensacionismo em Alberto Caeiro**. *Filosofia e Poesia: congresso internacional de língua portuguesa*. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, 2016. p.7.

³⁰OLEQUES, Liane Carvalho. *IMPRESSIONISMO*. InfoEscola, c2006-2021. Disponível em www.infoescola.com/movimentos-artisticos/impressionismo/. Acesso em 12 jul. 2021.

Se ver e ouvir são ver e ouvir?

O essencial é saber ver,
Saber ver sem estar a pensar,
Saber ver quando se vê,
E nem pensar quando se vê,
Nem ver quando se pensa.³¹

Foi visto, até então, o método Sensacionista como uma forma de ver o mundo. Utilizando nossos cinco sentidos físicos, permitindo sentir. Em diante, um novo método será apresentado, mas mantendo o princípio. A mesma ideia de espontaneidade e naturalidade ao nos relacionar com o que há no mundo, que nos permitiria uma reação mais sincera. Fala-se de *reação* pois toda relação envolve uma ação. E esta ação, que no caso do estudo é o contato do homem com o mundo natural (natureza), é induzida a ser feita da forma mais correta e incontestável, pois todas as coisas com as quais iremos nos relacionar, nos contactar, ver, tocar, e sentir, nos mostram ou oferecem algo. Trazem um cheiro, uma sensação física, ou também, mesmo que não ainda citado através da obra de Caeiro, um sentimento abstrato, como uma emoção. O que difere no resultado de qualquer relação é a forma de absorver e reagir ao que ela oferece. Pode ser à forma de Caeiro, pode ser de forma racional, pode ser de forma emocional.

3 Do modo físico ao da consciência: a imagem poética

Neste capítulo, a poesia será a base da reação do receptor, o objeto causador da experiência buscada. A relação, que antes era com a natureza, agora é de um leitor com a obra escrita de um autor, independente de quem sejam. Veremos o método como uma forma de LER, utilizando da nossa consciência para chegar a um resultado manifestado como fruto da alma.

Quando lemos algo que partiu do íntimo de outro ser humano é natural a busca por compartilhar da mesma emoção, saber de onde surgiu aquele sentimento e, quando mais subjetivo, tentar entender qual a mensagem que o autor queria passar ali. Qual significado teria por trás de todas aquelas palavras em harmonia e onde, em minha própria vida e contexto, aquele conselho (induzido) ou aquela descrição de

³¹ GR, XXIV, p.50.

sentimento se aplicaria? Voltamos ao mesmo problema anterior sobre a necessidade de buscar significados complexos em coisas que possuem tanto a oferecer também no plano superficial/espontâneo. “Nos poemas se manifestam forças que não passam pelo circuito de um saber.”³²

O filósofo e poeta francês Gaston Bachelard escreveu, em 1958, na introdução de sua obra “*A Poética do Espaço*”, sobre um conceito que chamou de *imagem poética*. A imagem poética seria um fenômeno que acontece no nível da consciência de um leitor, no exato instante do encontro desta consciência com uma poesia, construída com palavras vindas de um autor (outra consciência). Este seria justamente o momento da explosão de uma imagem completamente espontânea e mutável, inesperada e natural. Por ser apenas o instante deste fenômeno, e considerando o fluxo de ideias na mente de uma pessoa e a repercussão da própria imagem, esse resultante é uma imagem dinâmica.

Para esclarecer filosoficamente o problema da imagem poética é preciso voltar a uma fenomenologia da imaginação. Esta seria um estudo do fenômeno da imagem poética no momento em que ela emerge na consciência como um produto direto do coração, da alma, do ser do homem tomado na sua atualidade.³³

O processo até essa imagem seria, novamente, aquele que se desprende de uma base, de um racionalismo, e deixa fluir como algo instantâneo e mutável. Mas diferente do que foi visto no capítulo anterior, na imagem poética é difícil constatar que o resultado é puro, sem influência alguma do passado, porém pede-se que não tenha esforço em compreender de onde vem³⁴. Principalmente por se tratar de um fenômeno instantâneo, seria difícil determinar com exatidão o percurso dessa imagem na mente, descobrir de onde vem e como se transforma. Tanto pela quantidade de bagagem histórica e emocional de cada pessoa quanto pelo resultado ser algo fluido. Por isso o dinamismo: pois se transforma e por vezes perde-se em toda a profundidade da nossa consciência. Para a imagem poética, pede-se que não

³² BACHELARD, Gaston. Os pensadores. A filosofia do não; O novo espírito científico; **A poética do espaço**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p.186.

³³ Idem, p.184.

³⁴ Ibid. p.183. “...a filosofia da poesia deve reconhecer que o ato poético não tem passado — pelo menos não um passado no decorrer do qual pudéssemos seguir a sua preparação e o seu advento.”

tenha esforço algum. Que seja absorvido e vivido em uma mente livre de preceitos e análises. É justamente nesse instante de dinamismo que está o encanto.

Assim como para o autor a poesia é resultado de tantas coisas sobrepostas, também para o leitor é instável essa repercussão. Ambos saindo do controle de suas emoções e de suas almas, reproduzindo ou recebendo o que vem, sem nem saber de onde. É sobre o caminho de onde a emoção chega ao autor; a forma que é absorvido e depois exposto o sentimento em uma obra ali escrita; e em seguida ao chegar a um receptor da mensagem (e qual mensagem?); e como o leitor receberá tudo aquilo que ali há. Tudo é dinâmico, tudo é incerto e uma surpresa. Tudo é pessoal demais para caber em uma razão. Esse é o momento do estudo de Bachelard: não a origem, mas o ato da imagem e seu impacto.

O que podemos dizer da origem é apenas que, na forma ideal demonstrada por Bachelard, que ela seria fruto de uma consciência ingênua³⁵. Ela deveria surgir antes de qualquer reflexão sobre o que está sendo lido, e rapidamente ela vem e vai. E ali mesmo já se transforma. “Mas, para uma simples imagem poética, não há projeto, e não lhe é preciso mais que um movimento da alma. Numa imagem poética a alma acusa sua presença.”³⁶ O surgimento da “imagem” na mente do leitor é natural. E é também fora de seu controle. É exatamente como uma reação a algo. Nesse caso o “algo” é especificamente uma poesia, seja ela sentimental e subjetiva, narrativa ou mais desconstruída e confusa. A poesia é carregada do sentimento do autor, que nem sempre é explícito, mas ao ler, é certo que algo nos toque. Pode ser esse mesmo sentimento, ou um ritmo, ou somente uma palavra em específico. Pode até ser justamente o não-compreendido, o questionamento, a dúvida. A imagem dessa reação seria o produto pessoal da alma de quem lê, percebido somente pelo próprio. Realizada única e exclusivamente nesta mente. Assim como o poeta se exhibe pelas palavras, o leitor, salvo de quaisquer críticas ao ler, traria à tona o resultado de sua própria alma a si mesmo. “Nada prepara uma imagem poética, nem a cultura, no modo literário, nem a percepção, no modo psicológico.”³⁷ O resultado seria o que tem de mais humano dentro do leitor de poemas. O instintivo. O natural. Diz-se de sua

³⁵ Ibid. p.185.

³⁶ Ibid. p.187.

³⁷ Ibid. p.188.

alma pois é o que mostra sua essência. Aquilo que somos, puramente e naturalmente, sem qualquer controle.

Bachelard, neste estudo, quis apresentar uma forma de ler poesias que nos potencialize essa ação da alma e nos abra a mente e o espírito para o que temos dentro de nós mesmos no momento que nos permitimos ser instantes. A imagem poética tem potencial de ocorrer sempre na mente de quem se permite. Mas ela precisa ser permitida. O leitor precisa “estar presente, presente à imagem no minuto da imagem”³⁸ e desprender-se de quaisquer fatores, explicações ou motivações. É um aprendizado a ler para permitir esse fenômeno.

Os métodos apresentados até então relatam sobre a relação comunicativa de um sujeito com o mundo em sua volta. Com a natureza e com a poesia, especificamente nesses casos. São formas de comunicação com um motivo e um fim já destacados. Neste trabalho, assumem-se as mesmas condições e os mesmo fins, como uma opção de processo de transmissão de uma mensagem. Ambos os métodos podem ter seus princípios aplicados à comunicação em geral. Utilizando toda a informação que temos sobre o Sensacionismo e a Imagem Poética, será analisado em seguida a potencialidade do uso desses métodos no ato do design como comunicação visual.

4 A comunicação espontânea sujeito-mundo

Como considerar ou instigar, em um projeto de comunicação visual, a espontaneidade do público que recebe uma mensagem? Como calcular aquela reação que vai vir antes de qualquer análise, que é o momento do encontro do olhar, por exemplo, a um cartaz informativo? No exato instante do primeiro contato. O design gráfico trabalha principalmente com a transmissão de uma mensagem, possuindo diversas possibilidades de formato para esse fim. O estudo dessa função comunicativa do design é justamente com o intuito de entender qual a forma mais eficaz possível de passar uma mensagem, sem desvios ou confusão na mente do receptor. Busca-se o melhor suporte para essa mensagem, o tipo de apelo mais

³⁸ Ibid. p.183.

adequado e condizente com o conceito do que for transmitido e, principalmente, na clareza do conjunto todo ao público a que se destina. Cada etapa dessa comunicação deve ser muito bem definida para que se tenha sucesso no resultado.

Quando no estudo da comunicação fala-se de um público alvo (ideal e pré-definido), ou um receptor (aleatório, ou ao acaso), é importante constar que raramente esse público entenderá os tipos de apelo que estão sendo usados para atingi-los. Mas para que esses apelos funcionem, o emissor da mensagem deve conhecer seu público alvo e também compreender que, fora o alvo principal, a mensagem também pode chegar a outros receptores não idealizados, e que todos esses fazem parte de pequenos contextos diferentes entre si. Ou seja, o que é óbvio para o emissor não necessariamente é óbvio para seu público receptor diverso. Ou seja, utilizar-se de conceitos ou elementos abstratos pode não ser o melhor caminho para o entendimento. O interessante a ser feito, ao comunicar algo que necessita de exatidão, é usar elementos que não abram duplas interpretações, e que cobrem do receptor somente aquilo que ele pode decifrar de forma natural, independente de seu contexto de vida. Dificilmente ele vai entender que o uso de uma determinada cor é para instigar certa emoção, ou que uma posição específica de um objeto irá chamar mais atenção do que outra posição qualquer, mas todas as escolhas devem basear-se em apelos que sejam naturais à compreensão do receptor. Soluções que despertem emoções e sensações naturais ao corpo e mente humana.

Dentro da tradição moderna do design, qualquer processo de comunicação (ideal) é milimetricamente planejado, e o resultado é baseado em um instante. É o conjunto de diversos fatores e estudos para captar a atenção em uma fração de segundo. O receptor não vai saber *como* nem *porquê* aquilo chamou sua atenção mas, se feito de forma correta, será uma resposta natural a todos os elementos contidos na concepção da mensagem. A primeira impressão do receptor é o que vai guiar a compreensão, o interesse e análises da informação ali contida. Todo o foco deste trabalho é nesse momento da primeira impressão, onde ocorre a reação instintiva do corpo e/ou da mente, considerando este como inevitável e imprevisível com exatidão, mas, através de princípios sensacionistas, possível de guiar a um resultado específico.

Partindo dessa premissa, vemos a importância de valorizar esse estado imediato de atenção que surge no processo de comunicar algo. Esse momento é fundamental para que todo o restante seja funcional também. Focamos então na busca pela reação ideal do receptor em relação ao intuito da mensagem. Aplicando o que foi visto sobre a *imagem poética* de Bachelard, aqui substituímos a poesia por qualquer mensagem, em forma de texto ou não, a ser consumida por um receptor. A linguagem artística utilizada para comunicar, independente de qual seja, irá soar em uma mente e ali gerar uma resposta imediata. Resposta essa, como já dito anteriormente, imprevisível e instantânea. É importante então, no decorrer de um projeto de comunicação, considerar essas condições e saber trabalhar com elas.

Utilizando-se o conhecimento adquirido através do Sensacionismo de Caeiro, quem produz a mídia da informação pode optar por utilizar as sensações absolutas, aquelas que são inevitáveis, a favor de uma transmissão clara e indubitável. O uso das cores, cheiros, sons. E dependendo do tipo de mídia, pode criar uma forma de induzir o receptor à experimentação, a uma interação que torne a interpretação ao nível físico. Ao tocar uma pedra, sente-se sua rigidez. Ao tocar um bloco de gelo, sente-se a temperatura baixa. Esse método busca justamente por um apelo universal, ou seja, que possa ser compreendido por qualquer pessoa, independente de seu contexto, nível intelectual, ou qualquer outra singularidade que possa influenciar um entendimento. E no contexto da inclusão social, temos como exemplo o próprio precursor do sensacionismo, o heterônimo Alberto Caeiro, que era um camponês desprovido de estudo e cultura. Seu modo de pensar foi justamente pela simplicidade da interação, exigindo apenas a existência das coisas e o não-pensar de quem ali interage.

No final, é como se um método fosse complementar ao outro, cada um em seu contexto de abordagem, mas por meio de caminhos similares. Usar o aprendizado do Sensacionismo para induzir a algo que, como visto na imagem poética, é imprevisível. São dois métodos que desprezam a racionalidade e aceitam a naturalidade da mente interpretativa. Dois métodos que acreditam na funcionalidade da superficialidade inevitável, quando se trata de Comunicação. Quando nos aprofundamos, ou quando necessitamos nos aprofundar em algo para encontrar seu

significado, perdemos o controle sobre a imaginação e não podemos mais garantir um resultado.

O que aprendemos daqui é sobre sentir. Sentir o que o mundo nos apresenta. Sentir com nosso corpo, natural, da natureza, e com nossa mente, sensível ao impacto espontâneo da reação alma. O sentimento físico visto na obra de Caeiro é algo previsível que chega a um ponto específico tão óbvio que pode passar despercebido. Mas é justamente essa sua intenção. Apresentar o óbvio como resultado absoluto. Esse tipo de sentimento, sensação, permite que conheçamos algo em sua essência. Esse toque resulta no que é. Já o sentimento psíquico é completamente imprevisível. Nele não há certo e errado. Não existe um resultado ideal. Mas nele, a explosão revela a essência da própria consciência. Quem sente, se coloca como vulnerável à própria mente.

5 O projeto do livro-objeto

A imagem poética é algo completamente pessoal. Acontece rapidamente em uma consciência e não pode ser transferido. Como já visto, além de pessoal, ele é dinâmico, espontâneo, e é um instante. Possui exatamente um instante de existência, mas não impede que fique como uma lembrança. A ideia que surge na mente de quem lê uma poesia é um reflexo puro da alma, um sentimento que não pode ser mapeado e justificado fielmente, mas que pode ser apresentado externamente. Não é possível garantir que essa representação da imagem dinâmica seja perfeita, mas há condição de apresentar uma ideia aproximada. É interessante poder ver a forma que uma mesma poesia ressoa na cabeça de um leitor, e que muda em cada consciência, em cada pessoa. Ver que, nesse caso, uma obra de arte vinda do mais íntimo de um autor pode ser sentida de uma forma completamente nova e inesperada em quem consome. Ou também pode gerar um sentimento muito semelhante ao que está escrito. A infinidade de possibilidades da arte, a infinidade de sentimentos da alma. Aqui, exhibe-se uma.

Neste projeto apresenta-se uma mente, uma leitora, uma alma. A imagem poética surgida nesta consciência será lembrada, registrada e materializada através de

intervenções físicas, possibilitando assim a exibição do resultado instantâneo da poesia. Através da experiência, o entendimento da imagem poética.

Como materialização desses métodos até então estudados, será apresentado uma sequência de resultados naturais provenientes do sentimento causado por poemas de Fernando Pessoa e seus heterônimos. Juntar ambos os métodos de forma que se complementem e que um trabalhe o resultado do outro. O intuito é exemplificar a ação da imagem poética e materializá-la com elementos físicos que representem a sensação e a reação do poema em minha mente. Serão utilizados poemas cheios de sentimentos do autor, de forte conteúdo interpretativo, e a partir da imagem poética gerada, exemplificar esse sentimento com uma sensação, um ato, uma imagem. Assumidamente, o conteúdo do livro tenta induzir à mesma percepção da mente que recebeu e materializou a mensagem alcançada. O projeto irá apresentar as sensações através de um contato físico com coisas materiais.

O livro-objeto foi pensado como se fosse um diário de sentimentos. Ali contém representações das sensações em mim geradas através de sensações do autor. Os textos escritos foram recortes de poemas, selecionados apenas a parte que caberia à interpretação, os trechos que me atingiram de forma mais visível. Eles estão escritos mesclados com o conteúdo da imagem poética, tornando a leitura entrelaçada com o resultado. Assim, enquanto o livro é lido, ele também é sentido através do que eu senti ao ler. As representações ali contidas são frutos da minha própria mente, do meu próprio sentimento e sensação. Contudo, é inútil tentar explicar o motivo de cada imagem.

Neste projeto assumo o resultado da espontaneidade de minha mente em contato com os poemas selecionados, tendo sido escolhidos em momentos diferentes, em locais diferentes, sob diversas circunstâncias. Alguns trechos repercutem em minha mente por muito tempo e por todo esse tempo são imaginados da mesma forma. Já outros foram imagens completamente dinâmicas que surgiram em um momento e não voltaram a acontecer. Mas a intenção aqui é justamente a representação dessas imagens e a tentativa de, através dos sentidos e da experiência, que quem o veja possa compreender a mensagem que ficou em minha mente. Que possa ver a imagem poética a partir do sensacionismo.

5.1 Detalhes técnicos

“O Livro-objeto é a configuração de uma lacuna que se constitui a partir da diluição dos limites entre a literatura e arte.”³⁹ Neste projeto, desde o início fala-se da libertação dos sentimentos, da expressão artística, da naturalidade em uma pessoa e tudo isso no contexto da literatura. A arte é a própria forma de expressão. É o alívio dos sentimentos e das sensações, de tudo o que incentivamos aqui. Nada caberia melhor como forma de representação do que um livro-objeto que é onde vemos o “habitat natural” da literatura como objeto de expressão artística, mais do que naturalmente já é. Mas o livro-objeto não se limita a um suporte ilustrativo ou de registro, e nem às formas e conteúdos de livros comuns. Ele carrega inúmeros significados e sensações, apresenta um conteúdo artístico interativo e incorporado ao próprio formato, seja ele qual for. “...o design gráfico se mostrou como campo de ação importante no sentido de abrir caminho para outras interações e não apenas da leitura do texto.”⁴⁰ Assim, o leitor é parte da interpretação quando ela se dá pela interação, quando há um caminho pela narrativa e a expressão artística de forma sutil e automática, e quem o toma como objeto, manipula todas as sensações e toda a arte por elementos livres e diversos. “São objetos transgressores que exigem do espectador que entre no jogo do ‘ler vendo’ ou ‘ver lendo’⁴¹, trazendo uma dinâmica mais envolvente quanto à apresentação de um conteúdo. Esses livros costumam ser peças únicas, por conta de sua complexidade e por normalmente serem feitos à mão, detalhadamente, exigindo atenção tanto na produção quanto na sua leitura.

A escolha desta forma de arte para a apresentação deste projeto foi pela conexão que ele traz entre a leitura e a experiência, justamente o tema proposto aqui. O livro traz o texto da obra de Pessoa e simultaneamente oferece a forma de interação para alcançar a sensação desejada. Ele foi produzido para se assemelhar a um diário pessoal e ao mesmo tempo como se carregasse nele a natureza, o mais próximo possível de algo natural, de algo “humano”, sincero e simples. A seguir serão

³⁹ MIRANDA, Luís Henrique Nobre de. LIVROS-OBJETO; FALA-FORMA. Programa de Pós-graduação em Ciência da Literatura, UFRJ. Rio de Janeiro, 2006. p.14.

⁴⁰ Idem, p.17.

⁴¹ Ibid. p.20.

detalhadas as escolhas dos materiais e a (mínima) parte técnica envolvida no livro-objeto.

A base do livro-objeto (suas páginas) é feita de algodão cru, tecido utilizado para modelagens de roupa e também para bordado. É um tipo de material básico, simples e barato. Como dito em seu nome, ele é cru e não recebe cor nem químicas. É natural, leve, não deforma, e é de fácil manuseio. Não costuma ser utilizado para peças finais. É normalmente para o início de um processo. Aqui, ele representa justamente a tela em branco, a base simples e padrão do que será apresentado. Não contém nenhuma característica forte que se sobressaia do motivo principal. Foi escolhido justamente por ser neutro e um material natural. Sua falta de acabamento também foi planejada para manter a ideia da naturalidade do material, que quando cortado, com o tempo seus fios se soltam por não ter nada ali limitando seu percurso.

A escrita em todo o livro foi feita a próprio punho (com exceção do pequeno livro anexado "Ode Marítima", que teve seu título carimbado, para assemelhar-se a uma capa de livro comum) para ser o mais humanizado possível, dispensando o uso de máquinas ou qualquer tecnologia. Também, permitindo que me aproximasse ainda mais do processo de criação do livro-objeto. Cada texto foi escrito sem preocupação estética, sem poupar possíveis erros, sendo de forma fluida como se fosse um diário pessoal escrito sem a intenção de exibir a terceiros.

Outro fator que reforça o conceito orgânico é o uso de plantas (reais ou falsas) em algumas partes. Essa escolha foi também pelo fato de Alberto Caeiro ser conhecido como o poeta da natureza. Os cenários de seus poemas são do campo onde vive, as coisas das quais ele fala são paisagens, elementos naturais, como o vento, som do rio, as pedras no chão... Todo o projeto envolve a naturalidade de pensamento e reação, e das sensações físicas como forma de uma pessoa conhecer plenamente a natureza. Por essa forte presença, optei por usar plantas por serem a própria natureza, mas também apenas como um objeto participante do todo.

Já a escolha do uso de linhas foi por ser do contexto de tecido e de processos manuais. A costura em sua maioria feita à mão foi mais uma vez para me aproximar

do processo e para representar algo manual, feito com calma, feito por um corpo humano.

Em suma, todos os materiais e processos de produção foram pensados para manter o contexto geral do projeto, próximo do natural (natureza) e da naturalidade do corpo humano. Demonstra a espontaneidade de agir e pensar, de escrever de forma fluida e corrida, de ler pausadamente, de tocar e sentir o conteúdo das páginas, de interagir naturalmente com o que é exposto.

5.2 O conteúdo

O livro contém, ao todo, trechos de 7 poemas escritos por Fernando Pessoa. Esses foram selecionados pois, por algum motivo, me tocaram mais que os demais e senti a dinâmica e espontaneidade da imagem poética de forma mais intensa. Apesar de já lidos anteriormente por mim, o livro deste projeto é resultado de uma leitura no tempo desta produção.

Os poemas contidos no livro, na minha interpretação, são carregados de sentimento do autor. Reproduzem emoções por vezes confusas de definir, mas fortes e guiando todo o percorrer da escrita. O intuito do livro não é explicar o que Pessoa quis dizer em cada trecho, mas transmitir o que senti e o que fluiu em minha mente ao ler os trechos ali escritos. A emoção do autor depositada nos textos é sentida pelo leitor, mas compreendida de forma única e pessoal.

Foi decidido usar somente trechos de cada poema pois, no decorrer da leitura, surgem diferentes imagens na minha mente. Os poemas não costumam manter uma constância de sentimento exposto, e sim conter altos e baixos, momentos extremos e momentos mais pacíficos. Optei por selecionar trechos independentes, que por si só serviram para o projeto. E mesmo quando havia constância no poema inteiro, selecionei o trecho que julguei mais característico, mais presente.

No livro-objeto, os trechos dos poemas estão ali pois foram geradores de uma imagem poética em minha mente. A partir dessa imagem, surgida, memorizada e analisada por seu potencial, criei formas de leitura que representassem o que surgiu

em minha mente. Todo o conteúdo é conectado e simultaneamente faz parte do processo da experiência física que o livro pede. Cada detalhe que está ali é com a intenção de induzir a uma ação experimental do leitor que busca aproximar da imagem poética surgida em minha consciência. A forma de leitura induzida e os objetos nas páginas são para representar um “algo” pessoal. Para trazer o leitor do livro-objeto à mente do leitor de Fernando Pessoa.

5.3 Os poemas

A seguir serão apresentados os poemas utilizados no livro-objeto e uma breve descrição do resultado da imagem poética em minha consciência, sem que perca a razão deste projeto, somente para fins documentais. Alguns poemas são grandes e não há necessidade de apresentá-los integralmente, então usarei somente o trecho necessário para avaliação e entendimento.

5.3.1. Trecho de “Cul de Lampe” de Álvaro de Campos⁴²

Pouco a pouco,
 Sem que qualquer coisa me falte,
 Sem que qualquer coisa me sobre,
 Sem que qualquer coisa esteja exactamente na mesma posição,
 Vou andando parado,
 Vou vivendo morrendo,
 Vou sendo eu através de uma quantidade de gente sem ser.
 Vou sendo tudo menos eu.
 Acabei.

Pouco a pouco,
 Sem que ninguém me falasse
 (Que importa tudo quanto me tem sido dito na vida?),
 Sem que ninguém me escutasse
 (Que importa quanto disse e me ouviram dizer?)
 Sem que ninguém me quisesse
 (Que importa o que disse quem me disse que queria?),

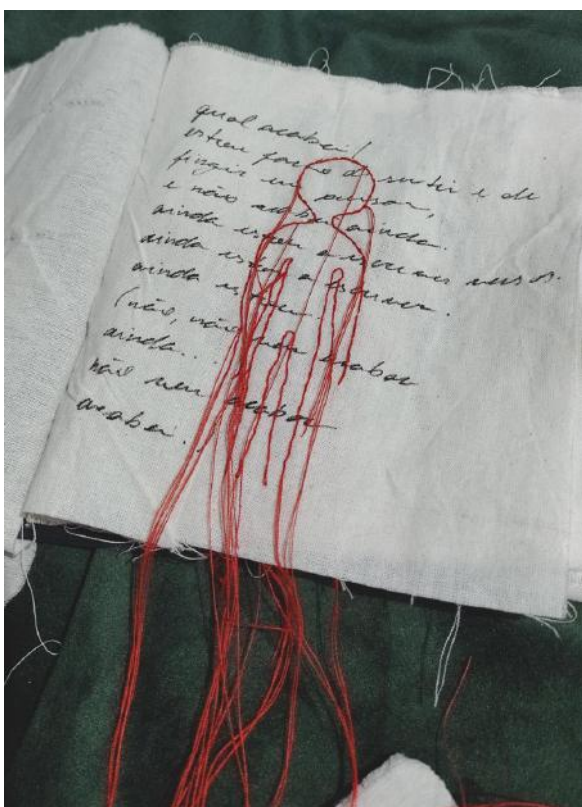
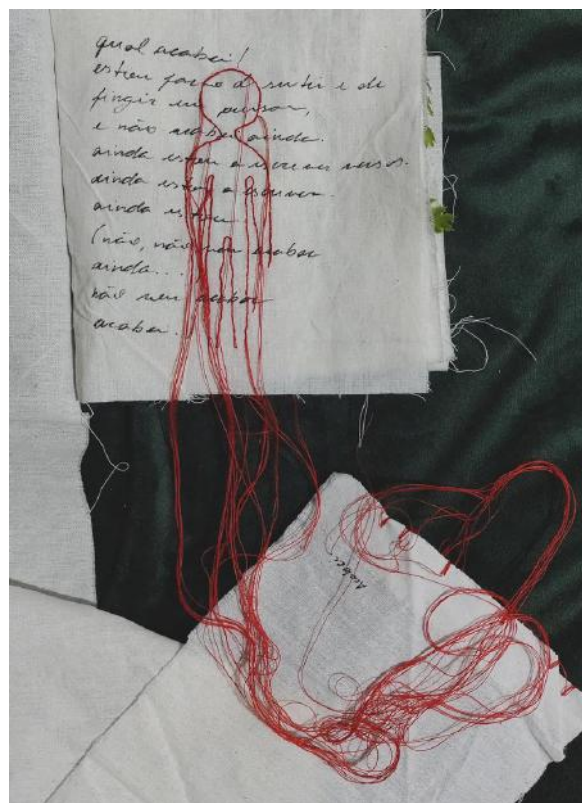
⁴² PESSOA, Fernando. **Álvaro de Campos - Livro de Versos**. (Edição crítica. Introdução, transcrição, organização e notas de Teresa Rita Lopes.) Lisboa: Estampa, 1993. p.129. Disponível em <http://arquivopessoa.net/textos/1132>. Acesso em 14 jul. 2021.

Muito bem...
Pouco a pouco,
Sem nada disso,
Sem nada que não seja isso,
Vou parando,
Vou parar,
Acabei.

Qual acabei!
Estou farto de sentir e de fingir em pensar,
E não acabei ainda.
Ainda estou a escrever versos.
Ainda estou a escrever.
Ainda estou.
(Não, não vou acabar
Ainda...
Não vou acabar.
Acabei.)

Cul de Lampe é, para mim, o mais intenso dos poemas seleccionados aqui. Ao ler, senti um tipo de enrolação, como algo arrastado que dá voltas e não chega em um fim. Há certa lentidão na forma de ler os versos curtos, repetitivos e finalizados com o ponto-final. Lê-se claramente uma vontade de “acabar”, de desistir, mas é dito tantas vezes que parece que não é realmente isso que deseja, não convence a si próprio. O poema me gerou a sensação de desistência, com vezes uma súbita vontade de continuar, mas preso a algo que não muda. A representação no livro que ora apresento, começa na primeira página onde o poema é escrito pausadamente em uma página maior que as demais, dando mais respiro na leitura. Algo que adia seu fim. E ao final da página, liga-se a página seguinte por fios que seguem até o contorno de uma forma humana costurada ali. Os fios vermelhos em destaque ao mesmo tempo que conectam, eles prendem e definem, e também são uma continuação do corpo representado.

FOTOGRAFIAS 1, 2, 3 e 4 - Cul de Lampe



Fonte: Elaboradas pela autora, 2021.

5.3.2. Trecho em “Poemas Inconjuntos” de Alberto Caeiro⁴³

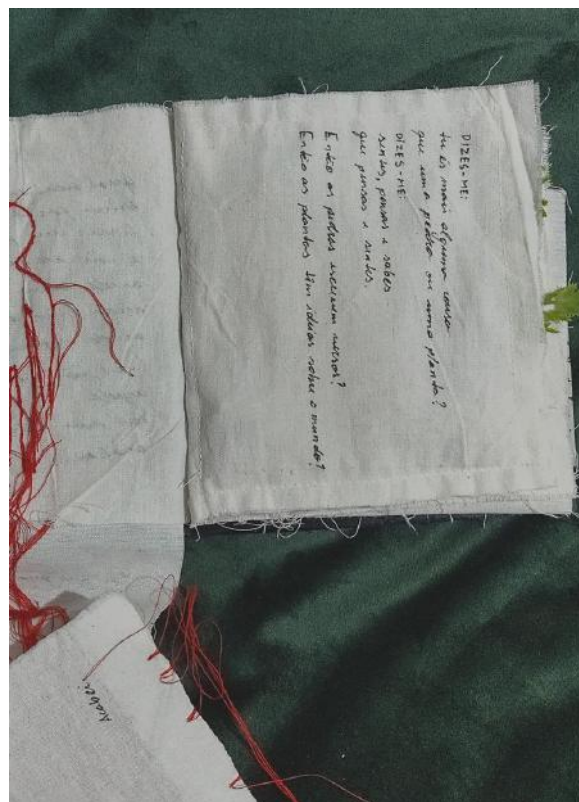
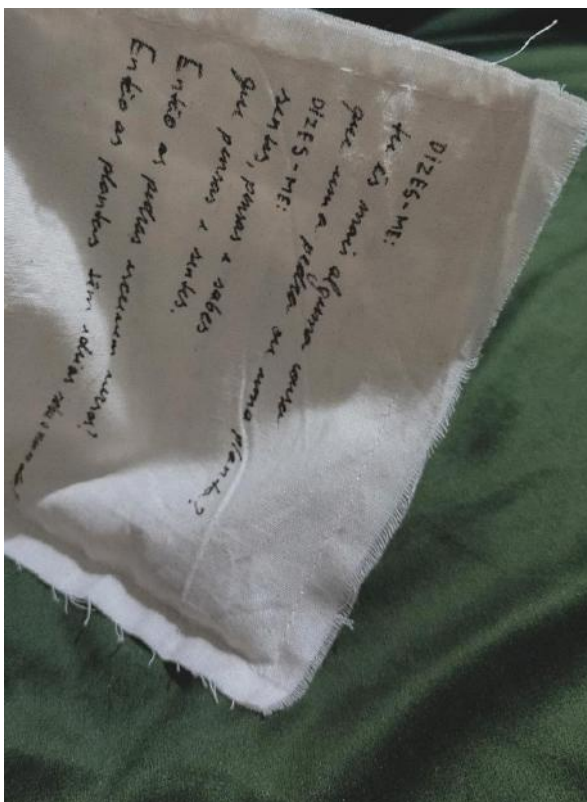
Dizes-me: tu és mais alguma coisa
Que uma pedra ou uma planta.
Dizes-me: sentes, pensas e sabes
Que pensas e sentes.
Então as pedras escrevem versos?
Então as plantas têm ideias sobre o mundo?
[...]

Sei que a pedra é a real, e que a planta existe.
Sei isto porque elas existem.
Sei isto porque os meus sentidos mo mostram.
Sei que sou real também.
Sei isto porque os meus sentidos mo mostram,
Embora com menos clareza que me mostram a pedra e a planta.
Não sei mais nada.

Sobre a maior característica de Caeiro, este poema é tão Sensacionista que trouxe o mais óbvio a mim. Saber que as pedras existem. Sentir elas ali. Girar a página para a leitura fará com que as pedras ali se movam e acusem sua presença, façam som e deformem a página com seu peso. Saber que elas estão ali porque sentimos elas ali. E nada mais é necessário.

⁴³ CAEIRO, Alberto. “**Poemas Inconjuntos**”. In Poemas de Alberto Caeiro. (Nota explicativa e notas de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor.) Lisboa: Ática, 1946 (10ª ed. 1993). p.81. Disponível em <http://arquivopessoa.net/textos/3358>. Acesso em 14 jul. 2021.

FOTOGRAFIAS 5 e 6 - Dizes-me



Fonte: Elaboradas pela autora, 2021.

5.3.3. Trecho de “Poema em Linha Recta” de Álvaro de Campos⁴⁴

Nunca conheci quem tivesse levado porrada.

Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo.

[...]

Arre, estou farto de semideuses!

Onde é que há gente no mundo?

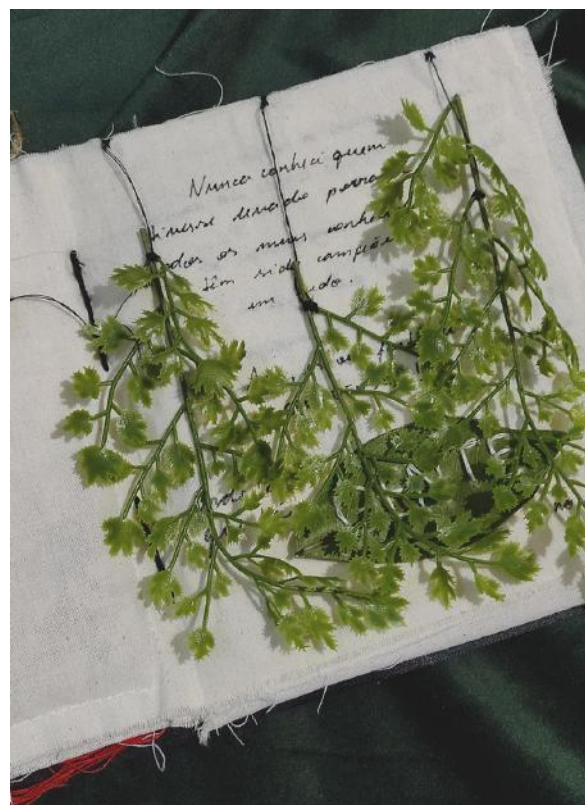
Então sou só eu que é vil e erróneo nesta terra?

Há a certeza de que as coisas naturais são imperfeitas. Têm suas particularidades, suas fragilidades, seus erros. Um ser humano é falho e quem se diz perfeito assume uma imagem irreal de seu verdadeiro ser. O poema me trouxe essa visão da

⁴⁴ CAMPOS, Álvaro de. **Poesias de Álvaro de Campos**. Lisboa: Ática, 1944 (imp. 1993). p.312. Disponível em <http://arquivopessoa.net/textos/2224>. Acesso em 14 jul. 2021. (As fotos desta página não estão disponíveis no momento pois contam com plantas reais que serão aplicadas mais próximo ao dia da apresentação deste projeto.)

falsidade, de se mostrar algo que não é real e honesto. No livro, foi usado plantas falsas sobre uma página onde há uma planta verdadeira, viva e real, junto ao texto assumindo sua imperfeição.

FOTOGRAFIAS 7 e 8 - Poema em Linha Recta



Fonte: Elaboradas pela autora, 2021.

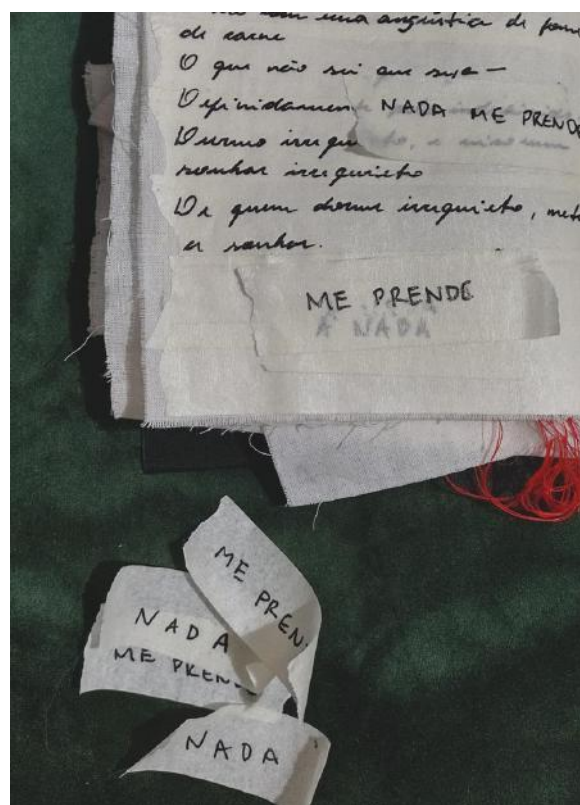
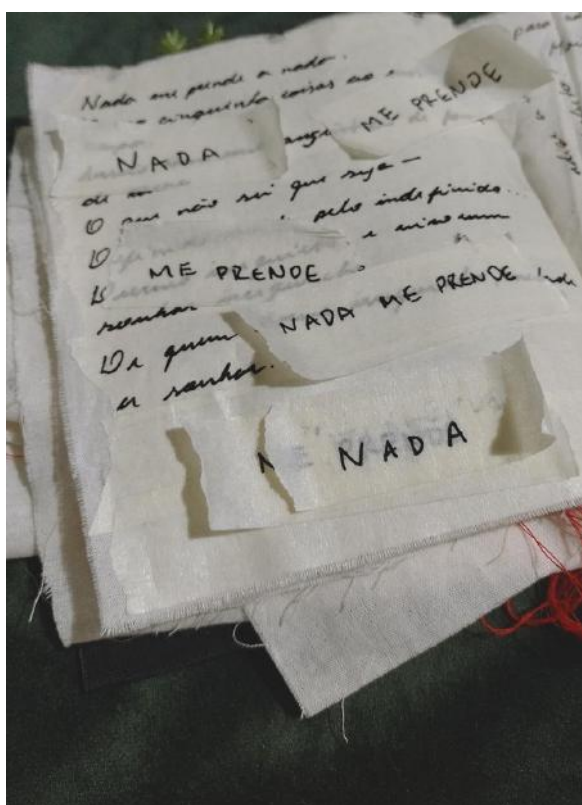
5.3.4. Trecho de “Lisbon Revisited” de Álvaro de Campos⁴⁵

Nada me prende a nada.
 Quero cinquenta coisas ao mesmo tempo.
 Anseio com uma angústia de fome de carne
 O que não sei que seja —
 Definidamente pelo indefinido...
 Durmo irrequieto, e vivo num sonhar irrequieto
 De quem dorme irrequieto, metade a sonhar.

⁴⁵ Idem, p.249. Disponível em <http://arquivopessoa.net/textos/158>. Acesso em 14 jul. 2021.

O anseio, a vontade de tudo que acaba por não se prender a nada. Nunca por completo, sempre ali mas com o pensamento em outro lugar. Neste poema vi a fragilidade de não estar completo em suas convicções, de ser superficial por não permitir se aprofundar. Para representar, foi usado sobre a página a fita crepe com pouca cola, tornando sua fixação ali não tão eficiente, podendo ser retirada e colada em outro lugar, sem a necessidade de estar bem fixada. Sobre a fita, o poema e seu principal foco “nada me prende a nada”, repetidas vezes.

FOTOGRAFIAS 9 e 10 - Lisbon Revisited



Fonte: Elaboradas pela autora, 2021.

5.3.5. Trecho de poema de Álvaro de Campos⁴⁶

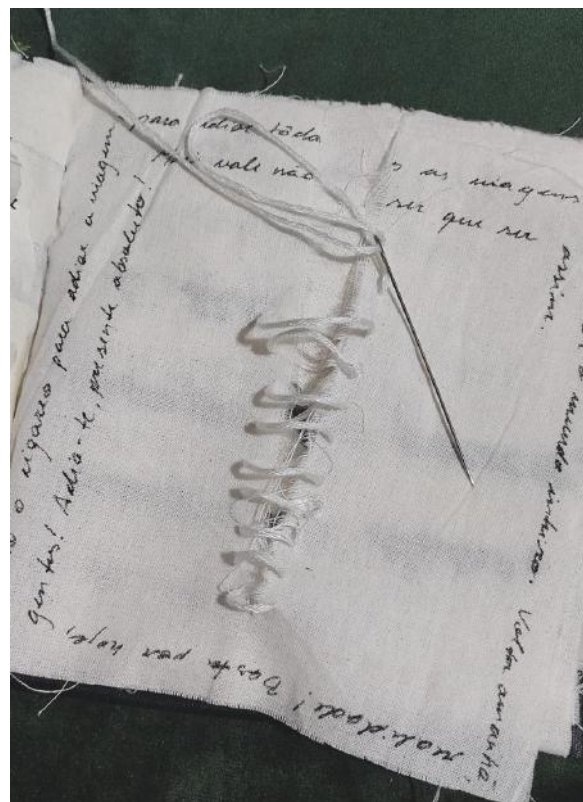
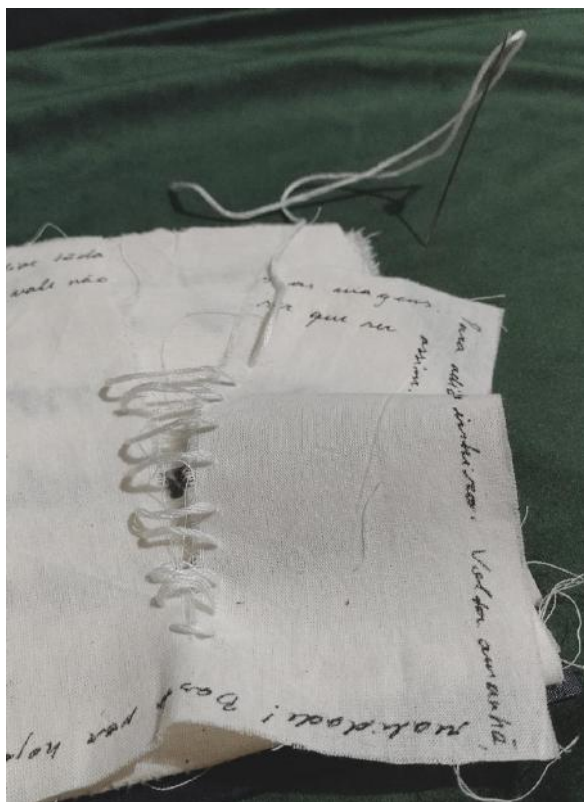
Acendo o cigarro para adiar a viagem,
Para adiar todas as viagens.

⁴⁶ CAMPOS, Álvaro de. **Poesias de Álvaro de Campos**. Lisboa: Ática, 1944 (imp. 1993). p.43. Disponível em <http://arquivopessoa.net/textos/2556>. Acesso em 14 jul. 2021.

Para adiar o universo inteiro.
 Volta amanhã, realidade!
 Basta por hoje, gentes!
 Adia-te, presente absoluto!
 Mais vale não ser que ser assim.

Neste trecho de Álvaro de Campos percebe-se a preguiça de viver, de fazer as coisas comuns do cotidiano. Adia-se o universo inteiro. Transmite uma falta de vontade de terminar o que começou, uma moleza de corpo e essa percepção de que não vale ser assim. Ao ler, senti a melancolia de não ter forças para terminar algo. Na representação, uma costura interrompida que mantém a página partida ao meio, sendo um ato que a traria funcionalidade novamente, mas seu conserto não chegou ao fim. A leitura que pode causar preguiça por ser fora do ritmo comum, por necessitar de um movimento repetido e por isso causaria desistência também. Também o fato de o poema estar curto, apenas uma pequena estrofe. Toda a representação da preguiça sentida pelo autor e transmitida pela sua leitura.

FOTOGRAFIAS 11 e 12 - Acendo o cigarro



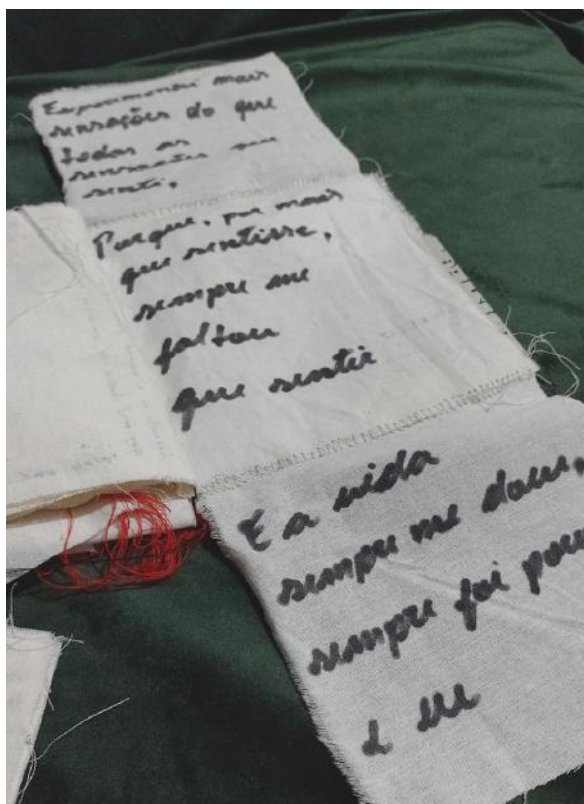
Fonte: Elaboradas pela autora, 2021.

5.3.6. Trecho de “Passagem das Horas” de Álvaro de Campos⁴⁷

Experimentei mais sensações do que todas as sensações que senti,
 Porque, por mais que sentisse, sempre me faltou que sentir
 E a vida sempre me doeu, sempre foi pouco, e eu infeliz.

Este poema soa como algo bom inicialmente, sobre como ele conseguiu ser mais, conseguiu transbordar em tudo o que fizera na vida. E logo em seguida há um enfrentamento à realidade que parecia ser boa: nunca pareceu suficiente. Sempre faltou algo. Não era completo. Algo que mesmo já sendo acima da média, não era o que lhe satisfazia. A imagem que me veio foi de algo que transborda e ainda assim não é bastante. No fim, ele se assume infeliz, por essa falta. Representei com uma página emendada, com mais tecidos costurados para que lhe caiba tudo o que deve estar ali, mas mesmo assim não sendo suficiente. E por trás disso tudo, a infelicidade do autor.

FOTOGRAFIAS 13 e 14 - Passagem das Horas



Fonte: Elaboradas pela autora, 2021.

⁴⁷CAMPOS, Álvaro de. **Poesias de Álvaro de Campos**. Lisboa: Ática, 1944 (imp. 1993). p.43. Disponível em <http://arquivopessoa.net/textos/827>. Acesso em 14 jul. 2021.

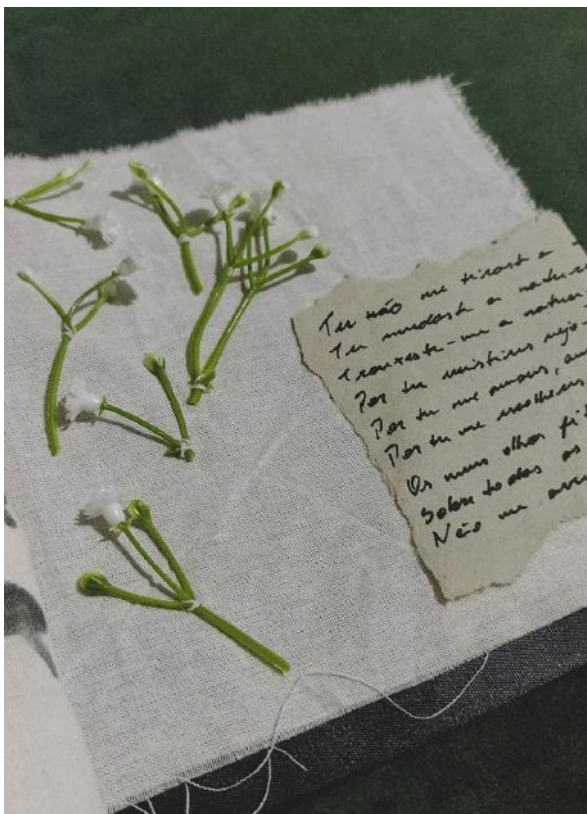
5.3.7. Trecho em “O Pastor Amoroso”, de Alberto Caeiro⁴⁸

Tu não me tiraste a Natureza...
Tu mudaste a Natureza...
Trouxeste-me a Natureza para o pé de mim,
Por tu existires vejo-a melhor, mas a mesma,
Por tu me amares, amo-a do mesmo modo, mas mais,
Por tu me escolheres para te ter e te amar,
Os meus olhos fitaram-na mais demoradamente
Sobre todas as coisas.
Não me arrependo do que fui outrora
Porque ainda o sou.

Um dos poucos poemas românticos de Alberto Caeiro, ele fala sobre como sua visão da natureza mudou agora que há outra pessoa (amada) em sua história. Há certo contraste porém sutil, mas importante. Algo nele foi edificado. No livro foram usadas 2 páginas frente e verso, onde o poema começa em um lado e continua no outro, forçando essa mudança de ambiente, porém ainda no mesmo livro, na mesma página. De um lado apresentam-se flores artificiais e do outro as mesmas flores, porém reais, vivas. A natureza muda de um lado para o outro, conforme o sentido da leitura do poema. A flor é a mesma, porém somente de um lado há vida nela.

⁴⁸ CAEIRO, Alberto. “O Pastor Amoroso”. In Poemas de Alberto Caeiro. (Nota explicativa e notas de João Gaspar Simões e Luís de Montalvor.) Lisboa: Ática, 1946. p.87. Disponível em <http://arquivopessoa.net/textos/629>. Acesso em 15 jul. 2021. (As fotos desta página não estão disponíveis no momento pois contam com plantas reais que serão aplicadas mais próximo ao dia da apresentação deste projeto.)

FOTOGRAFIAS 15 e 16 - O Pastor Amoroso



Fonte: Elaboradas pela autora, 2021.

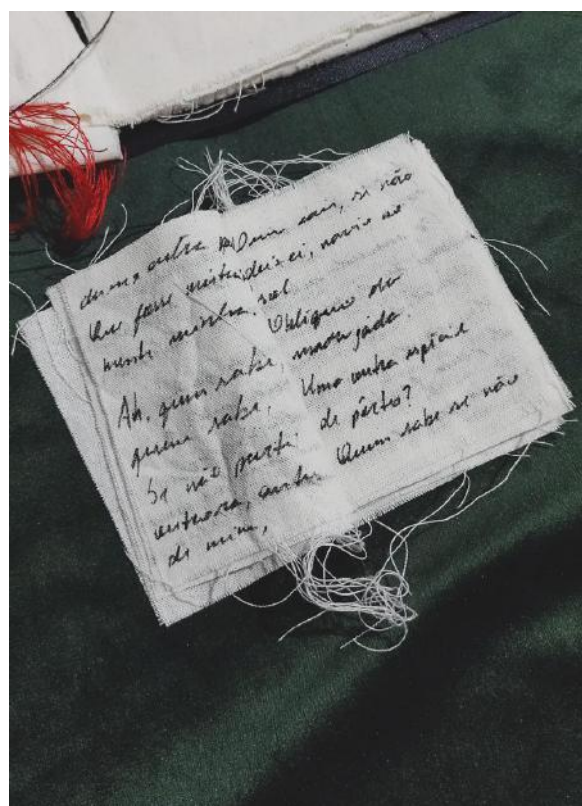
5.3.7. Trecho de “Ode Marítima”, de Álvaro de Campos.⁴⁹

Ah, todo o cais é uma saudade de pedra!
 E quando o navio larga do cais
 E se repara de repente que se abriu um espaço
 Entre o cais e o navio,
 Vem-me, não sei porquê, uma angústia recente,
 Uma névoa de sentimentos de tristeza
 Que brilha ao sol das minhas angústias relvadas
 Como a primeira janela onde a madrugada bate,
 E me envolve com uma recordação duma outra pessoa
 Que fosse misteriosamente minha.

⁴⁹ CAMPOS, Álvaro de. **Poesias de Álvaro de Campos**. Lisboa: Ática, 1944 (imp. 1993). p.162. Disponível em <http://arquivopessoa.net/textos/135>. Acesso em 15 jul. 2021. O trecho escrito no livro-anexo é maior do que esse aqui apresentado, mas não há necessidade de transcrevê-lo pois somente este trecho já é suficiente.

Anexo ao livro, de forma diferente do comum, esse poema é sobre as viagens de navio mais comuns na época em que foi escrito. O trecho escolhido fala sobre a distância que se toma da terra e os sentimentos gerados pelas viagens. Sobre isso, escolhi anexar um pequeno livro com um trecho desse poema ligado ao livro principal por uma linha extensa, representando algo que se afasta mas não se desvincula do original. Um livro à parte, uma nova história, longe mas conectada.

FOTOGRAFIAS 17 e 18 - Ode Marítima



Fonte: Elaboradas pela autora, 2021.

Estes foram os trechos que compõem o livro-objeto, apresentados na ordem de sua aparição. Fora eles, o livro contém em pedaços de papéis as “sensações” que tudo isto carrega. No autor, no leitor, no objeto físico, no ato de ler e manusear. As sensações estão por todo o livro, em forma de pequenas “notas” que guardam-se ali, no objeto íntimo, como lembranças do que foram e de que existem.

O vídeo do livro-objeto encontra-se no link <https://vimeo.com/580832216>.

6 Conclusão

Com a realização deste estudo e projeto prático, pude concluir que o movimento Sensacionista, apesar de ser uma forma de ver a vida, tem um potencial que pode ser aproveitado no contexto da Comunicação Visual. Seus princípios são realistas e junto a ideia da Imagem Poética, pude encontrar uma forma de incentivar a experiência como forma de comunicar. Em uma era tão tecnológica e imediatista, utilizar de formas mais fluidas e práticas para comunicar algo é um diferencial. A sensibilidade para coisas simples pode ser alcançada. Mas tudo tem a ver com o espectador se permitir a ver as coisas sem se preocupar com significados complexos. Quando falamos de comunicação aqui, falamos de uma transmissão concreta de uma mensagem. De algo que não tenha o intuito de abstrair o pensamento e deixar uma interpretação livre. É sobre comunicar de maneira direta, sem questionamentos.

7 Bibliografia

BACHELARD, Gaston. Os pensadores. A filosofia do não; O novo espírito científico; **A poética do espaço**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

CAEIRO, Alberto. **O Guardador de Rebanhos**. Lisboa: Ática, 1946 (10ª ed. 1993).

_____. **“O Pastor Amoroso”**. In Poemas de Alberto Caeiro. (Nota explicativa e notas de João Gaspar Simões e Luís de Montalvor.) Lisboa: Ática, 1946. Disponível em <http://arquivopessoa.net/textos/629>. Acesso em 15 jul. 2021.

_____. **Poemas Completos de Alberto Caeiro - Texto Integral com Comentários**. 1ª Ed. rev. São Paulo: DCL, 2010.

_____. **Poemas Inconjuntos**. In Poemas de Alberto Caeiro. (Nota explicativa e notas de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor.) p. 75. Lisboa: Ática, 1946 (10ª ed. 1993). Disponível em <http://arquivopessoa.net/textos/1122>. Consultado em 12 jul. 2021.

CAMPOS, Álvaro de. **Poesias de Álvaro de Campos**. Fernando Pessoa. Lisboa: Ática, 1944 (imp. 1993). Disponível em <http://arquivopessoa.net/textos/4398>. Consultado em 12 jul. 2021.

MATOS, Anderson Hakenhoar de. **Origem do Sensacionismo no grupo Orpheu**. Nau Literária: crítica e teoria de literaturas. Porto Alegre, Vol. 11 N. 01. 2015.

MIRANDA, Luís Henrique Nobre de. **LIVROS-OBJETO; FALA-FORMA**. Programa de Pós-graduação em Ciência da Literatura, UFRJ. Rio de Janeiro, 2006.

OLEQUES, Liane Carvalho. **IMPRESSIONISMO**. InfoEscola, c2006-2021. Disponível em www.infoescola.com/movimentos-artisticos/impressionismo/. Acesso em 12 jul. 2021.

PESSOA, Fernando. **Álvaro de Campos - Livro de Versos**. (Edição crítica. Introdução, transcrição, organização e notas de Teresa Rita Lopes.) Lisboa: Estampa, 1993. p.129. Disponível em <http://arquivopessoa.net/textos/1132>. Acesso em 14 jul. 2021.

_____. **Carta de Fernando Pessoa a Adolfo Casais Monteiro** - 13 Jan. 1935. 1ª publ. inc. in *Presença*, nº 49. Coimbra: Jun. 1937

_____. **Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação**. (Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho.) Lisboa: Ática, 1996.

REIS, Ricardo. **Poemas Completos de Alberto Caeiro**. Fernando Pessoa. **Ricardo Reis sobre Alberto Caeiro**. (Recolha, transcrição e notas de Teresa Sobral Cunha.) Lisboa: Presença, 1994. Disponível em <http://arquivopessoa.net/textos/2914>. Acesso em 12 jul. 2021.

SILVA FILHO, Gilvan J. **“Eu não tenho filosofia: tenho sentidos...”: fenomenologia e Sensacionismo em Alberto Caeiro**. *Filosofia e Poesia: congresso internacional de língua portuguesa*. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, 2016.

SILVIA, Patrícia. **ORPHEU In: Modernismo – Arquivo Virtual da Geração de Orpheu**, IELT-FCSH, Universidade Nova de Lisboa, Disponível em: modernismo.pt/index.php/orpheu. Acesso em: 12-jul-2021.

SOUSA, Ana Patrícia Silva de. **“Penso em ti, murmuro o teu nome; não sou eu: sou feliz”**. A study on the otherness in *O Pastor Amoroso* by Alberto Caeiro. *Revista do Gel*. São Paulo, v. 7, n. 1, p. 109-126, 2010.

SOUZA, Daniel P. **O espírito descampado e o olhar dos campos: Percepção e experiência do mundo em Alberto Caeiro**. 2008. 162 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade São Judas Tadeu.